«Meteoros» ou a cosmogonía das emoções

António Oliveira

«Meteoros» é uma obra fragmentada de auroras boreais da autoria de António Pereira, poeta espanhol já com alguns pergaminhos nas letras castelhanas legitimados por alguns prémios recebidos em reconhecimento de sua obra.

Apesar de muito cedo sentir um apelo para a poesia-veio a ganhar prémios em jogos florais-, foi na actividade permanente de poeta que aprendeu a ver o poema de outro modo. Descobriu, ao longo dos seus quarenta anos de aprendizagem, desde o seu primeiro livro «El regreso» (1964) ao último «Viva voz» (2006), que um poema, tal como uma oração, acontece em qualquer sítio e em qualquer momento. Deste trabalho, António Pereira aprendeu a ser fingidor (p. 348) juntando palavras e formas para provocar emoções (p. 348); aprendeu, com Rilke, a re-visitar a infância porque todos temos antecedentes, «recuerdos de [nuestra] infância(p.268); aprendeu que a palavra poetizada, tão necessária como o pão de cada dia, é um alívio («una consolación»), principalmente «numa tarde a las ocho» (p. 275), quando Deus nos deixa mais solitários e mais carentes; aprendeu, com as suas litanias inacabadas (p.146), a deixar ao leitor o direito de construir o seu imaginário a partir do acto de leitura, porque o leitor também é poeta na sua criação. Não é o leitor de poesia quase sempre também um poeta? (p. 357).

Mas «Meteoros» é também um livro cheio de estrelas cadentes ou chispas vermelhas a saltar (p. 172), com «flores sangrando rocio» (p. 54), aparições deslumbrantes onde as «piedras se hacen flores» (p. 167) porque as suas palavras são como brasas saídas de um vulcão de emoções em irrupção permanente.

Ao lermos a obra «Meteoros» sentimo-nos pessoanos nestes cacos de apontamentos partilhados pela atmosfera que é a «Plaza maior» (p. 54) trespassada de silêncios e de vestígios de imagens metamorfoseadas pelo pequeno «trem» (ou comboio de corda) capaz de urdir «la trama de los siglos» (p. 52). É aqui, na magia da arte poética, que o comboio deixa de ser de corda para dar lugar aos sentimentos e ser pátio do mundo, lugar do mundo (p. 303) com palavras à volta em vez de paredes. É aqui que o poeta tira o seu caderno que leva debaixo do braço, pegado ao coração, para tocar com a mão o peito do outro homem (p. 172).

«Meteoros» é também uma casa museu onde a música e o desenho se fazem ouvir e se representam pelas palavras, que são águas ruidosas da infância. Algumas destas palavras, cuja temática nos remete para o paraíso da infância, constroem laivos de

imagens vagas da lembrança passada que cintilam entre o espaço efémero da tela azulada e o tempo irrepreensível da memória, entre a página sempre branca antes de ser actualizada pelo leitor-criador no acto de leitura. Palavras que nada dizem porque surgem em movimento perpétuo, deixando apenas, atrás de si, a sugestão mallarmeana de uma obra por descobrir.

Para além de encontrar uma poesia cheia de virtualidades, de mistério, de imagens ao mesmo tempo simples e profundas, ao estilo de Lorca, cheia de uma musicalidade tipicamente popular e desenvolta, na utilização frequente da redondilha maior, o leitor português encontra um livro de poesias intitulado «Cancioneiro de Sagres» que canta com «rosas e quebranto» a paisagem portuguesa de uma época bem triste da nossa história. Seria mais correcta dizer de duas épocas da nossa história: a dos Descobrimentos e a da ditadura salazarista propícias, uma e outra, a emigrações e quimeras em busca de uma vida melhor e mais digna. E é com mestria e com sensibilidade que António Pereira derrama, com tons nostálgicos e melancólicos, algumas paisagens portuguesas com homens ausentes da pátria, mas presentes na memória dos seus entes queridos. Mestria porque, na verdade, ele consegue, nos seus poemas, consubstanciar esses dois momentos, em que pairam as vozes fustigadas de Sá de Miranda e de Gil Vicente com as de Fernando Pessoa e Manuel Alegre. Nessa miragem que levava os aventureiros a buscar índias doiradas, ilusões frustradas, ouvimos, no seu poema «Romance del quinhentos y yaún», o eco do Amo do Auto da índia «Mais vale la flor silvestre / que rosas de aventuras» (p. 156). É ainda neste poema que o poeta espanhol. consciente da censura que grassa em sua pátria, então dominada pelo franquismo, denuncia o estado opressor português, responsável pela fuga dos jovens à guerra colonial, para onde «los barcos iban partiendo / Pero ninguno volvia» (p. 200), lembrando, também, Manuel Alegre (o poeta mais inconformado com a ditadura e a guerra colonial), «un camión que marcha a Francía / se esconde en la oscuridad» (p. 157). António Pereira retoma este tema imperialista, mais adiante, referindo-se às mortes do ultramar, «Llegam noticias / de ultramar: «Y era tan joven!»- (p. 199). Enfim, malhas que o império tece no menino de sua mãe!

Um leitor bem atento, amante de poesia, ao deambular na atmosfera das palavras cintilantes e cadentes desta obra, descobre que, todas elas brilham como as estrelas num local sem paredes nem fronteiras. Viajar na imensidão do espaço desde as cantigas aos cancioneiros, ao ritmo galopante dos cavalos, é sentir um mesmo timbre, porque em Portugal como em Espanha a voz é a mesma (p. 191).

E, se nesta obra, o poeta reconhece deixar as marcas do seu amor a Portugal, «La nación que más quiero, despues de la mia]. (P.354), respondemos-lhe, com toda a cortesia que ele merece, deixando-lhes estas palavras de Eugénio de Andrade: «Me gusta Espanha».